

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL DE SURDOS EM PORTUGAL: O CASO DO CICLO DE CONFERÊNCIAS DO GESTO À VOZ: EDUCAÇÃO DE SURDOS E INCLUSÃO<sup>1</sup>

Teacher education and Deaf intercultural education: The case of the conferences “From sign to voice: Deaf education and inclusion”

**Joaquim Melro<sup>2</sup>**

### RESUMO

Em contexto de educação intercultural de surdos<sup>3</sup>, a formação de professores assume relevância epistemológica e político-social. Importa que os professores tenham acesso a uma formação que os possibilite desenvolver um currículo multilingue. Contudo, muitos professores não tiveram acesso a essa formação, sentindo dificuldades em reali-

### ABSTRACT

In an intercultural Deaf education, teacher education assumes epistemological and socio-political relevance. Teachers must have access to an education that enables them to develop a multilingual curriculum. However, many teachers did not have access

<sup>1</sup> Este texto é uma versão revista da comunicação apresentada à III Conferência Internacional para a Inclusão – INCLUDiT, que teve lugar em Leiria (Portugal) entre 4 e 5 de dezembro de 2015, e publicada no respetivo livro de atas.

<sup>2</sup> Instituto de Educação da Universidade de Lisboa – IEUL, Lisboa, Portugal & Centro de Formação de Escolas António Sérgio – CFEAS, Lisboa, Portugal, joaquimmelro@gmail.com

<sup>3</sup> Porque já apresentámos exemplos de outras culturas, como a cigana, e outros alunos, como os cegos, que em Língua portuguesa (LP) se designam com minúsculas, optámos por escrever surdos com minúscula, apesar de assumirmos um paradigma socio-antropológico dos surdos (MELRO, 2014a, 2014b). Dadas as características culturais da Língua Inglesa, optámos por escrever Deaf em maiúsculas, pelas razões sublinhadas.

zar transições entre línguas e culturas. Focamos o Ciclo de conferências Do gesto à voz: Educação de surdos e inclusão<sup>4</sup>, cujos resultados permitem iluminar a necessidade de afirmar uma formação de professores de surdos intercultural, que lhes facilite responder de forma adequada às exigências que subjazem a uma educação de surdos de qualidade.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação inclusiva; Formação de professores; Surdos, Currículo.

to this education, feeling difficulties to make transitions between languages and cultures. This paper focus on the Cycle of Conferences "From sign to voice: Deaf education and inclusion". The results allow us to illuminate the need to develop an intercultural teacher education, which facilitates teachers' access to an adequate education, giving Deaf students access to a quality education.

#### **KEYWORDS**

Inclusive education; Teacher education; Deaf; Curriculum.

## **Introdução**

Perspetivada como direito de todos a uma educação de qualidade, a educação inclusiva (EI) tem vindo a ser assumida como um dos elementos-chave para a construção de cenários educativos e sociais mais inclusivos, propiciando equidade e justiça social (UNESCO, 1994). Isso significa a afirmação de um paradigma educativo cujos princípios e práticas apontam para a necessidade de mudanças epistemológicas, culturais e educativas, possibilitando que todos tenham equidade no acesso a uma educação de qualidade, isto é, uma educação que propicie a participação legítima e o *empowerment* de todos (CÉSAR, 2012; MELRO, 2003, 2014a; MELRO & CÉSAR, 2014a, 2014b, 2016; RODRIGUES, 2006). Estes princípios ganham particular relevância na educação de estudantes que necessitam de apoios educativos e sociais especializados (AESE) (MELRO, 2014b), como os surdos, reconhecendo na Escola uma oportunidade de afirmarem um futuro mais justo e promissor (MELRO, 2014b), dando corpo às palavras de Freire (1987), quando destaca que a educação deve ter como fim último propiciar a autonomia dos indivíduos, possibilitando-lhes realizar a leitura do mundo, aprendendo “a dizer a sua palavra”, pois, como salienta,

<sup>4</sup> Agradecemos a todos os que tornaram este ciclo de conferências uma realidade possível, em particular à Professora Doutora Margarida César.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo *pronunciar*. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la *para* os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. (FREIRE, 1987, p. 44)

Isto pode ser conseguido se a Escola assumir os professores e outros educadores de surdos como elementos-chave da inclusão escolar e social destes estudantes, propiciando uma formação adequada que permita a estes agentes educativos valorizar a(s) voz(es) dos surdos, abraçando, nas práticas que apresentam, os seus elementos linguístico-culturais e realizando transições consistentes entre línguas e culturas (BAGGA-GUPTA, 2004; MELRO, 2014a, 2014b; SOFIATO, 2014). Contudo, em Portugal, a investigação ilumina existirem lacunas formativas, que importa ultrapassar (BAPTISTA, 2008; BORGES & CÉSAR, 2012; COELHO, 2007; MELRO, 2003, 2014b). Assim, urge que os professores e outros educadores de surdos tenham acesso a formação adequada que os possibilite apropriar conhecimentos e mobilizar/ desenvolver competências, incluindo a apropriação da LGP, que os permita afirmar uma educação de surdos inclusiva e intercultural, materializada no desenvolvimento de um currículo multilingue (AR, 2008, AR, 2009; ME, 2008, 2009; MELRO, 2014a, 2014b; MELRO & CÉSAR, in press). Há que assumir a formação de professores de surdos como elemento crucial na equidade do acesso dos estudantes surdos ao sucesso académico e social, como evidenciamos em estudos realizados por nós (MELRO, 2003, 2014b, 2014b; MELRO & CÉSAR, 2016, in press).

Como discutimos (MELRO, 2003, 2014b), em Portugal, a situação lacunar formativa referida pelos professores pode ter impactes na inclusão escolar e social dos estudantes surdos, continuando, ontem como hoje, a vivenciar diversas formas de exclusão, expressas em elevados níveis de retenção e de abandono escolar, bem como em baixos níveis de literacia e de frequência de estudos universitários, como sublinhado por, entre outros, Baptista (2008), Freire (2011), Borges e César (2012), Melro (2003, 2014b), Melro e César (2014b, in press).

Urgindo afirmar processos formativos que contribuam para ultrapassar a situação lacunar formativa referida pelos professores de surdos, bem como os respetivos impactes na inclusão escolar e social destes estudantes, conjuntamente com colaboradores, desenvolvemos, entre fevereiro e maio de 2014, no Centro de Formação de Escolas António Sérgio (CFEAS), em Lisboa, a realização do Ciclo de Conferências *Do gesto à voz: Educação de surdos e inclusão*.

Acreditado pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (CCPFC)<sup>5</sup>, este Ciclo de conferências teve como destinatários privilegiados professores de surdos, contendo com, entre outros, os seguintes objetivos:

- Refletir sobre as problemáticas epistemológicas, conceptuais e pedagógicas que configuram a inclusão escolar e social dos estudantes surdos;
- Partilhar saberes, conhecimentos e práticas conducentes à melhoria da qualidade da educação dos surdos;
- Fomentar a transdisciplinaridade, o trabalho colaborativo e a flexibilidade crítica;
- Propiciar a emergência transições consistentes entre línguas e culturas, bem como entre a Escola, a Família e a comunidade surda, assim como entre outras instituições relacionadas com a inclusão escolar e social dos estudantes surdos;
- Contribuir para o desenvolvimento de um currículo multilingue, bem como para a equidade no acesso dos estudantes surdos ao sucesso académico e social.
- Pretendendo ter abrangência formativa epistemológica, educativa e ético-política (ver Anexo I, Programa deste Ciclo de conferências), este evento encontrava-se organizado nos seguintes painéis/eixos temáticos, equivalendo às sessões que o configuraram (N=6):

**I** - Surdez, linguagem, comunicação e educação

**II** - Educação de surdos: dos princípios às práticas

**III** - Desafios da educação de surdos à interpretação

<sup>5</sup> Organismo responsável, em Portugal, pela acreditação da formação contínua dos professores, para efeitos de progressão na carreira. O Ciclo de Conferências *Do gesto à Voz: Educação de surdos e Inclusão* foi acreditado com os elementos seguintes: Registo de acreditação: CCPFC/ACC-75994/13, N° Créditos: 1, Modalidade: Curso de Formação, Destinado a: Educadores de Infância e Professores dos Ensinos Básico e Secundário e Professores de Educação Especial.

**IV** - Os movimentos associativos e a educação de surdos

**V** - Educação e inclusão escolar e social dos surdos

**VI** - A voz dos estudantes nos processos de inclusão dos Surdos

Neles participaram diversos agentes educativos, surdos e ouvintes (N≈300, por sessão, no total de seis sessões de cerca de cinco horas por sessão), partilhando conhecimentos, crenças, dúvidas e esperanças. Do total de participantes, 35 foram conferencistas; seis moderadores, sete intérpretes de Língua Gestual Portuguesa (LGP). Os restantes participantes eram investigadores, educadores, professores (N≈210), estudantes, seus familiares, entre outros.

Por considerarmos a(s) voz(es) do(s) estudante(s) fundamental(is) para uma formação de professores de surdos consistente (MELRO, 1999, 2003, 2014b), gostaríamos de salientar a sua importância para a emergência nos professores de surdos de uma consciência epistemológica e ético-política que os comprometa com os princípios configuradores de uma educação multilingue e intercultural de surdos (MELRO, 2014b, MELRO & CÉSAR, 2014a, 2014b, 2016, in press), valorizando-a(s) e apontando ser as vozes destes estudantes uma das vozes cruciais à sua concretização. Dá-se, assim, corpo à afirmação “Nada sobre nós, sem nós”, referida por autores como Sasaki (2007), significando, neste contexto, a participação legítima dos surdos nos processos sociais, culturais e políticos que iluminam a formação de professores de surdos.

Assumimos este Ciclo de conferências com um espaço e tempo formativo inclusivo crítico, que pretendeu dar corpo a um dos princípios configuradores da formação intercultural de professores de surdos: fazer emergir cenários formativos dialógicos e multiparticipados que possibilitem discutir princípios e práticas educativas inclusivas e interculturais de surdos, como ilustra a investigação levada a cabo por, entre outros, Borges e César (2012), Melro e César (2003, 2009, 2010a, 2010b, 2013, 2014), Coelho (2007) ou Sofiato (2014).

Pela importância que as sinergias assumem na afirmação de cenários formativos inclusivos (CÉSAR, MACHADO, & VENTURA, 2014), saliente-se a equipa de voluntários (N≈23), nos quais se incluem os ILGP, que graciosamente abraçaram este Ciclo, bem como os restantes parceiros (N≈13). Consideramos, assim, que o Ciclo de Conferências *Do gesto à voz: Educação de surdos e inclusão* contribuiu para que a formação intercultural de professores de surdos afirme a

Escola como um espaço e tempo intercultural, favorecendo a emergência de representações sociais mais positivas sobre os surdos, dando-lhes voz e poder e promovendo o diálogo intercultural entre comunidades: a surda e a ouvinte.

## 1. Metodologia

Este estudo visa discutir os modos como o Ciclo de conferências *Do gesto à voz: Educação de surdos e inclusão*, desenvolvido pelo investigador e colaboradores no CFEAS, em Lisboa, afirmou cenários formativos interculturais de professores de surdos propícios ao desenvolvimento de práticas mais facilitadoras da inclusão escolar e social consistente de estudantes surdos. À compreensão deste fenómeno consideramos ser mais adequada uma abordagem interpretativa de cariz etnográfico (DENZIN, 2002), sublinhando a importância dos contextos e das experiências subjetivas na construção dos acontecimentos, desocultando o (s) sentido (s) que os participantes lhes atribuem, permitindo-lhes assumir voz e poder (CÉSAR, 2013b).

Em coerência com o quadro de referência teórico, com o problema em estudo e com a abordagem interpretativa de cariz etnográfico que a ilumina esta investigação, constitui-se como um estudo de caso intrínseco (STAKE, 1995/2005), descrevendo, analisando e interpretando, a partir de descrições densas, os modos singulares, porém, complexos, como o Ciclo de conferência *Do gesto à voz: Educação de surdos e inclusão*, propiciou aos participantes, em particular aos professores de surdos, acesso a uma formação de professores intercultural que contribua para o desenvolvimento de um currículo multilingue, com impactes na inclusão escolar e social dos surdos (MELRO, 2014b).

Pretendendo captar a multiplicidade de vozes que configura o sentido que os indivíduos atribuem ao fenómeno em estudo, os participantes no estudo foram os cerca de 300 participantes deste Ciclo de conferências – Investigadores, o investigador como observador participante, professores, estudantes, seus familiares e intérpretes de LGP, representantes de associações de surdos e de ILGP, entre outros. Para mantermos o anonimato dos participantes, à exceção dos que figuram em documentos tornados públicos, como programas e outros materiais de divulgação, optámos por lhes atribuir nomes fictícios.

Diversificámos os instrumentos de recolha de dados, procurando ter acesso às vozes que, como diria Hermans (2010), iluminam as diferentes *I-positions*

assumidas pelos participantes, as do investigador incluídas (HAMIDO & CÉSAR, 2009), imprimindo inclusividade à investigação desenvolvida (ALLAN & SLEE, 2008; CÉSAR, 2013b; HAMIDO & CÉSAR, 2009). Assim, os instrumentos de recolha de dados utilizados foram: recolha documental (D), tarefas de inspiração projetiva (TIP), questionário (Q), conversas informais e observação, no formato de observador participante, registada em diário de bordo (DB).

Procurando desocultar o sentido que configura diversidade de vozes dos participantes, recorreremos à análise de conteúdo de índole narrativa (CLANDININ & CONNELLY, 1998), sucessiva e aprofundada, tendo emergido categorias indutivas de análise. Seleccionámos para este artigo as seguintes categorias: (1) representações sociais sobre a inclusão escolar e social dos estudantes surdos; e (2) processos formativos de professores de surdos facilitadores da inclusão destes estudantes na Escola.

## 2. Resultados

Iniciamos a discussão dos resultados por apresentar o cartaz/programa do Ciclo de conferências *Do gesto à voz: Educação de surdos e inclusão* (Ver Anexo 1). Como ilustra este documento, a complexidade epistemológica, educativa e ético-política que caracteriza a educação de surdos e a formação de professores que lhe subjaz, ilumina a necessidade de desenvolver processos formativos de professores e de outros educadores holísticos baseados na diversidade de problemáticas e de participantes que lhes deem corpo, valorizando elementos das duas culturas em que participam: a surda e a ouvinte.

Um olhar mais abrangente e aprofundado sobre este documento possibilita-nos observar o cuidado em desenvolver processos formativos inclusivos, diversificados, participados e consistentes, dando voz e poder aos que neles participam: investigadores (juniores e seniores), professores de diversos níveis de ensino, intérpretes de LGP, participantes das comunidades surdas e seus representantes, estudantes e respetivas famílias, entre outros. Possibilita também focar a formação de professores de surdos num paradigma socio-anropológico destes estudantes, que os percebe já não como indivíduos deficitários que importa reabilitar, curar, oralizar, numa só palavra, curar, mas sim como participantes de culturas minoritárias, com formas de atuar, de sentir e

de pensar próprias, expressas em línguas viso-espaciais como, a LGP, no caso de Portugal (MELRO, 2003, 2014a, 2014b).

Como ilustra este documento, a formação consistente e com sentido de professores de surdos deve ter em linha de conta que a educação de surdos é configurada por uma multiplicidade de vozes, a dos estudantes e famílias incluídas. Assim, tal como aconteceu neste ciclo de conferências, e como evidencia o respetivo programa/cartaz, em cenários de educação intercultural de surdos é importante afirmar a emergência de processos formativos multiparticipados, que valorizem abordagens epistemológicas e praxeológicas diversificadas, aprofundadas, multifactoriais, abrangentes e participadas (BAGGA-GUPTA, 2004; FORLIN, 2010; MELRO, 2014b; MELRO & CÉSAR, 2012, 2013, 2014c; SOFIATO, 2014).

Este e outros elementos são sublinhados pelos professores e outros participantes. Quando quiseram destacar alguns dos aspetos que consideram mais positivos deste processo formativo, as respostas são semelhantes à da Maria:

O que mais gostei [desta formação] foi a abrangência e interesse das temáticas, diversidade de participantes, participações nos debates... Parabéns... (Resposta da Maria, professora do ensino básico, Q, reticências no original)

A diversidade como elemento enriquecedor dos processos formativos dos professores de surdos é, também, realçada por um outro professor, o João. Salienta este professor que a diversidade de conferencistas e das temáticas debatidas são elementos valorizados por este Ciclo de conferências, e fundamentais na formação de “qualidade” dos professores de surdos, como refere:

Esta ação trouxe-me uma perspetiva mais realista das necessidades de um aluno surdo em sala de aula. E a participação de pessoas/professores/alunos que sendo ou não surdos convivem com os mesmos e falaram na 1.ª pessoa, trouxe à ação uma qualidade e uma partilha de experiências riquíssimas. Obrigado. (Resposta do João, professor do ensino secundário, Q).

Pela importância que assume, gostaríamos de destacar um outro elemento sublinhado pelo João e crucial para a afirmação de uma formação de professores de surdos social e culturalmente situada, devendo focar, como refere, “uma perspetiva mais realista das necessidades de um aluno surdo em sala de aula”. Ou seja, o que este professor nos quer dizer é que a formação dos professores de surdos deve ser ecologicamente focada, apoiando e orientando

as práticas destes agentes educativos para, em contexto de sala de aula, responderem adequadamente às características destes estudantes, contribuindo para a realização de aprendizagens mais consistentes e com sentido, com impactos na inclusão escolar e social (MELRO & CÉSAR, 2016, in press).

Corroborando a posição da Maria e do João, a Fernanda realça outros elementos considerados cruciais na formação consistente de professores e de outros educadores de estudantes surdos:

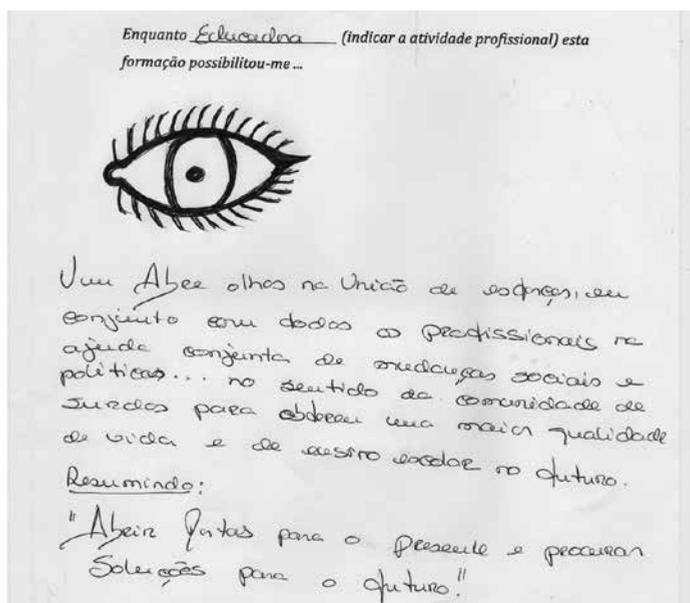
A participação de oradores de áreas muito diversificadas; toda a informação e partilha de experiências com vista a melhorar a Educação de Surdos e a Inclusão” (Resposta da Fernanda, docente de educação especial, Q, maiúsculas no original)

Assim, o cartaz/programa, bem como os relatos deste e de outros participantes, destacam elementos essenciais a uma formação inclusiva e intercultural dos professores e de outros agentes educativos que educam surdos, nomeadamente a necessidade de a Escola desenvolver processos formativos contextualizados que valorizem a diversidade destes estudantes, mediando as aprendizagens nas línguas e modos de comunicação por eles privilegiados, como destacado em diversos documentos de política educativa internacionais e nacionais (ME, 2008; UNESCO, 1994; WFD, 2013). Isto pode ser conseguido se a Escola propiciar aos participantes nos processos formativos, em particular aos professores de surdos, a tomada de

consciência das dificuldades que uma pessoa [surda] tem tanto a nível académico como profissional, ver como conseguem contornar todas as barreiras que lhe aparecem ao longo da vida” (Resposta da Joana, educadora de infância, Q).

Como realça esta professora e outros participantes, foram muitos os contributos deste Ciclo de conferências para a afirmação de espaços e tempos formativos inclusivos, reflexivos e inter-dialógicos. É disso exemplo o ter propiciado aos participantes a construção de ferramentas pedagógicas e culturais facilitadoras do desenvolvimento de uma educação de surdos com mais qualidade, “contornando”, derrubando diríamos nós, barreiras à sua inclusão escolar e social, como realça essa professora.

No mesmo sentido vão os relatos da Márcia, educadora de infância. Na resposta à TIP2, esta professora sublinha que:



**Figura 1** – Resposta da Márcia à TIP2

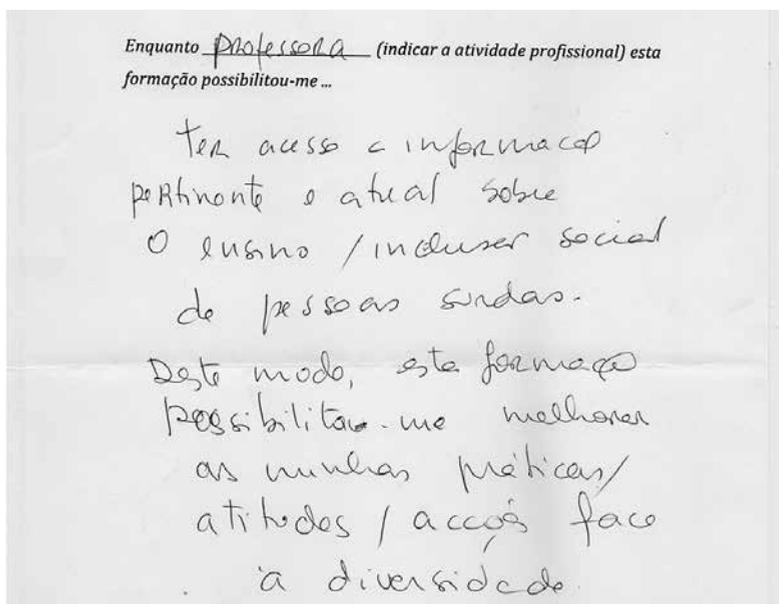
Valorizando elementos das culturas surdas, como a visualidade, aqui representada pelo olho aberto, esta educadora salienta, entre outros aspetos, a necessidade de a formação de professores de surdos ser transdisciplinar e multi-participada, ou como refere, configurando uma “união de esforços” entre todos os que participam na educação destes estudantes, tal como ocorreu com este Ciclo de conferências. Sem deixar de sublinhar a dimensão social e política que a formação de professores de surdos deve assumir, “um Abre olhos”, nas palavras desta participante, esta educadora destaca ainda um outro elemento, tido como essencial numa educação de surdos inclusiva: ser dever da formação de professores de surdos capacitar estes agentes educativos, incluindo a apropriação das línguas assumidas por estes estudantes como maternas, para que possam afirmar uma *praxis* que possibilite desenvolver aos alunos, em contexto de sala de aula, mecanismos de inter- e intra-empowerment (CÉSAR, 2013; MELRO 2014a, 2014b). Como tivemos oportunidade de sublinhar noutros estudos (MELRO, 1999, 2003, 2014b), são estes mecanismos que possibilitam que os surdos tenham, nas palavras desta participante, “uma melhor qualidade de vida” (Márcia à TIP2). Isto significa ser fundamental recentrar a formação dos professores e educadores de surdos, focando as suas vozes, incluindo-as nos processos formativos e educativos dando-lhes, deste modo, poder (MELRO & CÉSAR, 2016,

in press). Ou seja, como relata a Márcia, é urgente contribuir para um paradigma formativo de professores de surdos que favoreça a mudança necessária rumo a uma Escola que dê “maior qualidade de vida e de ensino no futuro [aos surdos]” (Márcia, TIP2). Rumo a uma escola intercultural que materialize um currículo multilíngue facilitador da realização de transições entre a Escola e as comunidades surdas, entre a Escola e as famílias, entre línguas e culturas. Como sublinha esta participante, é necessária uma formação de professores de surdos mais colaborativa, mais dialógica e mais participada, que propicie a emergência, na Escola nas sociedades, de uma consciência epistemológica e ético-política que possa “abrir portas para o presente e procurar solução para o futuro” (Márcia, TIP2). Um futuro que se quer mais promissor e mais equitativo.

Diríamos, com esta participante, que urge que a Escola assuma princípios e práticas formativas críticas e reflexivas, que preconizem a valorização da Escola como *locus* de formação da e para a diversidade, da e para a dialogicidade, da e para a inclusividade, da e para a interculturalidade (MELRO & CÉSAR, 2016, in press). Isso pode ser conseguido se, tal como ocorreu neste Ciclo de conferências, a Escola assumir os processos formativos dos professores de outros agentes educativos que educam estudantes surdos como prioritários na construção de uma cultura de escola ecologicamente orientada, coordenando, sistematizando, orientando e apoiando os professores de surdos, nos diversos contextos em que atuam (CÉSAR, 2012; MELRO, 2014b; MELRO & CÉSAR 2010b, 2013, 2014b, 2016). Como, sublinha o Joaquim, professor do ensino básico, estes processos de supervisão colaborativa, dialógica e ecologicamente orientados, tal como caracterizamos noutras investigações (MELRO, 2014b), contribuem para que os professores de surdos e outros agentes educativos se sintam “mais seguros nas suas funções” (Q) – elemento crucial na emergência na Escola de uma cultura acolhedora e valorizadora da diversidade, a dos professores incluída. Sublinhando que, em Portugal, a esmagadora de professores de surdos são ouvintes e não falantes de LGP, urge que a sua formação tenha como fito semelhante à desenvolvida neste Ciclo de conferências: afirmar estes agentes educativos como agentes reflexivos críticos (SCHÖN, 1983), possibilitando-lhes a oportunidade de desenvolverem “uma reflexão autocrítica e aprofundamento dos conhecimentos e práticas na área [da educação de surdos]” (Resposta da Rosa, professora do ensino básico, Q).

Corroborando a posição da Rosa e de outros participantes, a Sara, professora do ensino secundário, destaca na resposta à TIP2 um outro princípio que iluminou este Ciclo de conferências, devendo ele próprio ser configurador de uma formação inclusiva e intercultural de professores de surdos: formar para uma mudança de atitudes que possibilite o surgimento de representações sociais mais valorizadoras da Escola e dos surdos (MELRO, 2014b; MELRO & CÉSAR, in press). Como sublinha esta professora, é essencial que a formação de professores de surdos reflita dialógica e criticamente sobre muitos dos preconceitos, das crenças e das formas de atuação pouco facilitadoras da inclusão escolar e social dos surdos, derrubando-os.

Eis a resposta da Sara à TIP2:



**Figura 2** – Resposta da Sara à TIP2

Como podemos observar, tal como aconteceu neste Ciclo de conferências, a Sara considera que a formação de professores de surdos tem de propiciar a estes agentes educativos “acesso a informação pertinente e atual sobre o ensino/inclusão das pessoas surdas”, com impactos nas práticas desenvolvidas pelos professores, bem como na mudança de “atitudes/ações face à diversidade [dos surdos]” elemento sublinhado por nós noutros estudos que desenvolvemos (MELRO, 1999, 2003, 2014b).

Na mesma linha de pensamento, temos a posição da Sónia, “professora de artes”. Ao optar por recorrer ao desenho, representando um olho, esta professora, como outros participantes, apropria elementos das culturas surdas, como a visualidade, reconhecendo-as, valorizando-as e celebrando-as nas suas especificidades e diversidade. Sublinha, ainda, a importância que assumem os processos formativos dialógicos, reflexivos e críticos, como os desenvolvidos através deste Ciclo de conferências, na compreensão da complexidade epistemológica, educativa e ético-política própria de uma educação inclusiva de surdos (MELRO, 2014b, MELRO & CÉSAR, in press). Como refere, é importante desenvolver processos formativos de professores de surdos que possibilitem à Escola “ter um olhar diferente”, desfazendo formas de atuação excludentes e segregadoras dos surdos que os têm impedido, século após século, de os afirmar como participantes legítimos da Escola e das sociedades em que participam (MELRO, 2014a, 2014b). Eis a resposta à TIP2 apresentada pela da Sónia:



**Figura 3** – Resposta da Sónia à TIP2

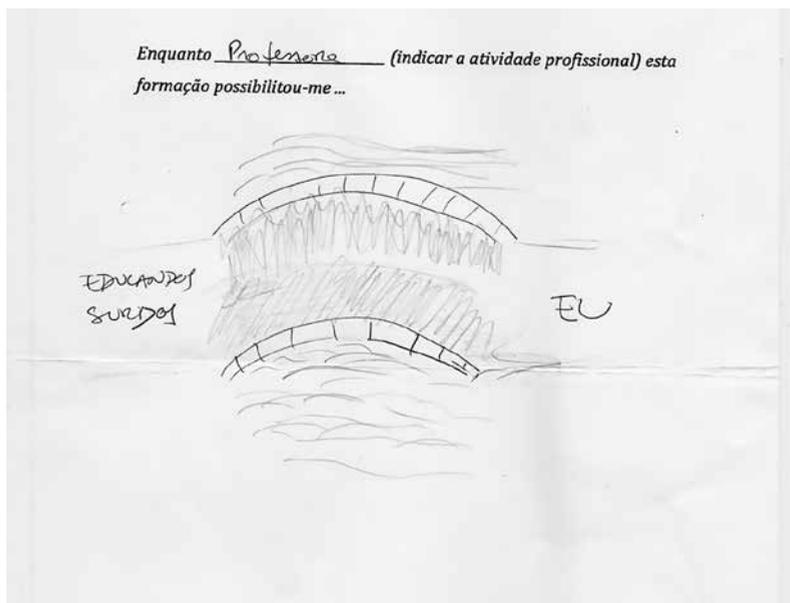
Como podemos observar, a resposta desta professora permite-nos também compreender a necessidade da formação de professores de surdos assumir um outro paradigma de Educação em que a Escola seja percebida como facilitadora das transições entre as diferentes culturas que nela participam (CÉSAR, 2012, 2013): a dos professores e de outros agentes educativos, bem como a dos estudantes e das suas famílias, arredando formas subliminares de exclusão que, às vezes, ainda se fazem sentir em culturas profissionais pouco acolhedoras da dúvida, do erro, da incerteza e da flexibilidade (BARROSO, 2005).

São cenários como os referidos por este autor que inibem a indagação reflexiva e dialógica, elementos próprios de formas de atuação xenófobas e racistas e que importa ultrapassar, sendo essencial para a afirmação das escolas, em particular as frequentadas pelos surdos, que sejam vistas por uns e por outros como espaços e tempos de solidariedade, de colaboração, de inclusividade e de equidade (CÉSAR, 2013; MELRO, 2014b; RODRIGUES, 2006; SOFIATO, 2014).

A ilustrar a importância que este Ciclo de conferências teve na afirmação de processos formativos interculturais dos professores de surdos, reconhecendo estes agentes educativos como mediadores culturais, porque capazes de realizar transições consistentes entre línguas e culturas, temos as respostas do Sérgio e da Maria, professores dos ensinos básico e secundário:



**Figura 4** – Resposta do Sérgio, docente surdo, à TIP1



**Figura 5** – Resposta da Maria, docente ouvinte, à TIP2

Recorrendo ao desenho e ao texto, estes professores optaram por representar pontes, com configuração antiga, acompanhadas de texto, sublinhando a participação de ouvintes e de surdos nos processos formativos e educativos que iluminam a educação intercultural de surdos, bem como a realização de transições entre as culturas, surda e ouvinte, representadas, por exemplo, por setas bidirecionais. Como realçam estes dois participantes, é essencial fazer emergir cenários formativos de qualidade, que possibilitem afirmar práticas educativas e sociais mais equitativas, mais dialógicas, mais inclusivas e mais interculturais capazes de, como sublinham, construir/alicerçar pontes entre surdos e ouvintes, entre um “EU” (estudante surdos) e um Outro – “Educadores de surdos” (Maria, TIP2), afirmando um “Nós” que ponha cobro à ignorância, segregação e exclusão de uns e de outros. Assim, como sublinham, tal como ocorreu neste espaço e tempo formativo que este Ciclo de conferências configurou, a formação de professores de surdos deve afirmar uma Escola intercultural e inclusiva que valorize as culturas surdas e que possa romper com um passado de exclusão e de segregação, construindo um futuro educativo e social mais promissor, mais inclusivo e mais equitativo para os surdos. Realça-se, deste modo, que quando nos referimos à necessidade de desenvolver espaços e tempos formativos de

diálogo intercultural, este inclui as várias entidades representantes dos surdos, como a APS, a ASP, FPAS ou a AFOMOS, dialogando num mesmo espaço e tempo, abordando as questões que os preocupam – tal como ocorreu neste Ciclo de conferências. Mas também o fazendo com outros, mais anónimos, surdos e ouvintes, mas igualmente participantes legítimos destas comunidades: pais, amigos, familiares, professores do ensino regular e do ensino especial, estudantes, intérpretes de LGP e tantos outros, que tiveram voz e puderam exprimir preocupações, dúvidas, questões, fracassos e sucessos, levando-nos a considerar, com a Joana, que “A forma escolhida [para a formação de professores de surdos], na modalidade de conferências, foi igualmente positiva” (Resposta da Joana, professora do ensino secundário, Q). Como destaca,

[foi importante] ter convidado várias entidades. Caras diferentes. Porque normalmente são sempre os mesmos nas conferências. Mesa de jovens, para poder ver as perspectivas dos jovens. (Resposta da Joana, professora do ensino secundária, Q)

Como sublinham os relatos desta professora, a formação intercultural consistente dos professores de surdos deve dar voz à diversidade de participantes que lhe subjaz, evitando que “sejam sempre os mesmos” a ser valorizados, evitando perpetuar poderes instalados e desocultando outras vozes, a dos “jovens” incluídas, que tanto podem contribuir para a uma formação de professores de surdos reflexiva crítica, dialógica, diversificada, abrangente, participada, numa só palavra, renovada.

Como evidenciou este Ciclo de conferências, urge desenvolver cenários formativos interculturais que possibilite assumir os professores de surdos como mediadores culturais, pondo cobro a formas hegemónicas curriculares monoculturais e excludentes pouco valorizadoras das diferentes culturas em que os surdos e os pares ouvintes participam, evitando perpetuar formas diversas de exclusão mútua, afirmando uma Escola intercultural e inclusiva.

### **Considerações finais**

Como assumimos noutros contextos (MELRO, 2003, 2014b; MELRO & CÉSAR, 2009, 2010a, 2014b, 2016), os professores são elementos-chave na afirmação de cenários educativos e sociais mais interculturais e inclusivos, propiciando aos surdos equidade no acesso ao sucesso educativo e social. Contudo, a investigação ilustra que isso nem sempre é assegurado, evidenciando as escolas,

e os processos formativos que lhe subjazem, dificuldades em propiciar uma educação de qualidade aos surdos. Importa, como diriam Barroso (2005) e César (2012), desenvolver na Escola uma cultura profissional e organizacional mais capaz de responder às características, aos interesses e às necessidades dos surdos, valorizando-os e afirmando-os como participantes legítimos da Escola e das sociedades em que participam. Para além disso, como discutimos, porque se pretendem inclusivos e interculturais, os processos formativos de professores e de outros agentes educativos que educam estes estudantes têm de focar a mediação cultural, o recurso a mecanismos de inter- e intra-*empowerment* (CÉSAR, 2013, MELRO, 2014a, 2014b, MELRO & CÉSAR, 2016), evitando que as escolas se assumam como reprodutoras das desigualdades sociais (CÉSAR, 2012, 2013). Como ilustrámos, os processos formativos dos professores de surdos devem, como foi objetivo primordial deste Ciclo de conferências, capacitar estes agentes educativos de modo a que possam afirmar a Escola como espaço e tempo acolhedor da diversidade dos surdos, permitindo o acesso destes estudantes a uma educação que desenvolva as suas potencialidades, não mais estigmatizando, não mais segregando, não mais excluindo. Isso pode ser conseguido se a Escola desenvolver processos formativos como os que configuraram o Ciclo de Conferências *Do gesto à voz: Educação de surdos e inclusão*, que apontam para a urgência de a Escola assumir princípios e práticas formativas dos professores de surdos, dialógicos, participados, flexíveis e interculturais, facilitando a apropriação de conhecimentos e a mobilização de competências, incluindo a apropriação da LGP, necessários ao desenvolvimento de um currículo intercultural, respondendo adequadamente à diversidade linguístico-cultural dos surdos, derrubando barreiras à inclusão escolar e social (BORGES & CÉSAR, 2012; MELRO, 2003a, 2014a, 2014b; MELRO & CÉSAR, 2009, 2012, 2013, 2016; SOFIATO, 2014, 2016; SKLIAR, 1998).

Tal como ocorreu com este Ciclo de conferências, diríamos que, se quisermos desenvolver com os professores de surdos cenários formativos interculturais mais consistentes, urge que os processos formativos que subjazem à educação de surdos tenham em conta elementos como as línguas e modos de comunicação privilegiados pelos surdos ou pelas culturas em que legitimamente participam. Urge, ainda, dotar os seus participantes de ferramentas pedagógico-culturais que valorizem e afirmem as vozes e o *empowerment* dos

que participam nos respetivos processos formativos: os professores, os estudantes, as famílias, os amigos e outros agentes educativos e sociais, como as associações de surdos e outras organizações que preconizam a luta dos surdos pelo acesso a uma educação e qualidade.

## ANEXO 1

### **Cartaz/Programa do Ciclo de Conferências Do gesto à voz: Educação de surdos e inclusão, da autoria do designer Nuno Santos, com fotografia de Hugo Cruz.**

Cartaz do Ciclo de Conferências "Do Gesto à Voz: Educação de Surdos e Inclusão". O cartaz apresenta uma imagem central de duas mãos entrelaçadas, com linhas amarelas e azuis a atravessá-las, sobre um fundo escuro. No topo, o logótipo da Associação Antónia Azpilicueta (AAZ) e o texto "CICLO DE CONFERÊNCIAS: Entre 1 de fevereiro e 17 de maio de 2014".

**DO GESTO À VOZ:  
EDUCAÇÃO DE SURDOS E INCLUSÃO**

**1 Fevereiro 2014  
09:30-13:00**  
**1. Língua, comunicação, identidade e cultura: Que impactos na educação dos Surdos?**  
Helena Guimarães (Moderadora) | André Couto | Maria José Freire | Paulo Vaz de Carvalho | Inês Jofre

**22 Fevereiro 2014  
09:00-13:00**  
**2. Educação de Surdos: Princípios e práticas.**  
Pedro Pereira (Moderador) | Alexandra Perry | Orla Almeida | Diogo Esteves & Margarita César | Helena Madureira | Tiago Almeida

**8 Março 2014  
09:00-13:00**  
**3. Desafios da educação de Surdos à interpretação.**  
Teresa Casanova (Moderadora) | Cláudia Neiva | Luis Octavio | Luís Simões | Sofia Figueiredo | Susana Amorim

**22 Março 2014  
09:30-13:00**  
**4. Movimentos associativos e educação de Surdos.**  
Natalina Cerqueira (Moderadora) | Alexandra Perry & Ângelo Costa | Armando Barbaça | Joana Sousa | Jorge Romarinho | Pedro Costa

**3 Maio 2014  
09:30-13:00**  
**5. Educação e inclusão escolar e social dos Surdos.**  
Filomena Denton (Moderadora) | Amílcar Moraes | Inês Borges, José Manuel Matos & Margarita César | Joaquim Melo & Margarita César | Maria Manuel Nunes & Susana Teixeira | Maria Moragas

**17 Maio 2014  
09:30-13:00**  
**6. Processos de inclusão dos Surdos: A voz dos estudantes.**  
Fernanda Adão (Moderadora) | Frederico Pacheco | Joana Cortes | Joana Pinho | João Quaresma | Marco Casal | Mariana Couto | Rui Pinheiro | Sílvia Andrade

Email: [dogestovoz.cicloconferencias@gmail.com](mailto:dogestovoz.cicloconferencias@gmail.com)  
Facebook: [www.facebook.com/dogesto.azil](http://www.facebook.com/dogesto.azil)  
Inscrição: <http://lippo.gd/lines>

Local de realização: Auditório de Escola Secundária D. Diogo de Gusmão  
Entrada gratuita, suéter e inscrição

- Apoio de formação apoiado pelo Conselho
- Científico-Paradigmas da Formação Contínua com o Registo
- A/CORPO/ACC/2014/03 no Modalidade de Curso de
- Formação, destinada à Educação de Infância e Professores
- dos Ensino Básico e Secundário e Professores de Educação
- Especial (20 horas, 1 crédito)

Logótipos de parceiros: AAZ, AEDO, FORTUNA, TV, etc.

## REFERÊNCIAS

- Allan, J., & Slee, R. *Doing inclusive education research*. Rotterdam: Sense Publishers, 2008.
- BAGGA-GUPTA, S. *Literacies and deaf education*. Stockholm: Myndigheten för Skolutveckling, 2004.
- BAPTISTA, A. J. *Os surdos na escola. A exclusão pela inclusão*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2008.
- BARROSO, J. *Políticas educativas e organização escolar*. Lisboa: Universidade Aberta (UA), 2005
- BORGES, I., & CÉSAR, M. Eu leio, tu ouves, nós aprendemos: Experiências de aprendizagem matemática e vivências de inclusão de dois estudantes Surdos, no ensino regular. *Interacções*, 8(20), p. 141-180, 2012. Disponível em: [<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/488/442>] Acesso em: 2 de nov. 2016.
- CÉSAR, M. Educação especial: Pequenos passos, alguns retrocessos e muito caminho para andar. *Interacções*, 8(21), p. 68-94, 2012. Disponível em: [<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/1523>] Acesso em: 2 de nov. 2016.
- CÉSAR, M. Collaborative work, dialogical self and inter-/intra-empowerment mechanisms: (Re) constructing life trajectories of participation. In M. B. Ligorio, & M. César (Orgs.), *Interplays between dialogical learning and dialogical self*. Charlotte, NC: Information Age Publishing (IAP), 2013a, p. 151-192).
- CÉSAR, M. Cultural diversity and regulatory dynamics of participation between schools and families. In P. Marsico, K. Komatzu, & A. Iannaccone (Orgs.), *Crossing boundaries: Intercontextual dynamics between family and school*. Charlotte, NC: IAP, 2013b, p. 35-81.
- CÉSAR, M., MACHADO, R., & VENTURA, C. Praticar a inclusão e não apenas falar de inclusão. *Interacções*, 10(33), 18-72, 2014. Disponível em: [<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/6730>]. Acesso em: 2 de nov. 2016
- CLANDININ, D. J., & CONNELLY, F. M. Personal experience methods. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Orgs.), *Collecting and interpreting qualitative materials*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 199, p. 150-178.
- COELHO, O. (2007). *Construindo carreiras: (Re)desenhar o percurso educativo dos surdos a partir de modelos bilíngues*. (Tese de doutoramento, documento policopiado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), Porto.
- DENZIN, N. The interpretative process. In A. Haberman, & M. Miele (Eds.), *The qualitative researchers companion*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2002, p. 349-366.
- FORLIN, C. Teacher education reform for enhancing teachers' preparedness for inclusion. *International Journal of Inclusive Education*. 14(7), p. 649-653, 2010.
- FREIRE, M. J. *A criança surda e o desenvolvimento da literacia*. Lisboa: Instituto Nacional para a Reabilitação (INR), 2011.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*, 17.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987.

HAMIDO, G., & CÉSAR, M. Surviving within complexity: A meta-systemic approach to research on social interactions in formal educational scenarios. In K. Kumpulainen, C. Hmelo-Silver, & M. César (Orgs.), *Investigating classroom interactions: Methodologies in action*. Rotterdam: Sense Publishers, 2009, p. 229-262.

HERMANS, H. *Dialogical self theory: Positioning and counter-positioning in a globalizing society*. New York, NY: Cambridge University Press, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (ME). *Decreto-Lei n.º 3/08, de 7 de Janeiro*. Diário da República - I Série, n.º 4. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM), 2008.

MELRO, J. (2003). *Escola Inclusiva: Uma história de amor (nem sempre) bem contada*. (Dissertação de mestrado, documento policopiado). Lisboa: DEFCUL.

MELRO, J. (2014a). Língua, participação e poder. *Educação Inclusiva*, 5(1), II-III. [Dossier temático: A aprendizagem da Língua Portuguesa por surdos, editor Joaquim Melro], s/p, 2014a.

MELRO, J. (2014b). *Do gesto à voz*. Um estudo de caso sobre a inclusão de estudantes Surdos no ensino secundário recorrente nocturno (Tese de doutoramento, documento policopiado). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

MELRO, J. & CÉSAR, M. Educação de adultos surdos em portugal: a(s) voz(es) dos professores. *Revista de Estudos e Investigación en Psicología e Educación*.

MELRO, J. & CÉSAR, M. Educação inclusiva: Do ser ao agir e do dizer ao sentir. In A. Estrela, L. Marmoz, R. Canário, J. Ferreira, B. Cabrito, N. Alves, P. Figueiredo (Orgs.), *Actas do XVI Colóquio da AFIRSE. Tutoria e mediação em educação: Novos desafios à investigação educacional*. Lisboa: Secção Portuguesa da AFIRSE, 2009, s/p [CdRom]

MELRO, J. & CÉSAR, M. Desafios profissionais da educação inclusiva: A voz dos professores. In A. Estrela, L. Marmoz, R. Canário, J. Ferreira, B. Cabrito, N. Alves, et al. (Eds.), *Actas do XVII Colóquio AFIRSE. A escola e o mundo do trabalho*. Lisboa: Secção Portuguesa da AFIRSE, 2010<sup>a</sup>, s/p. [CdRom]

MELRO, J. & CÉSAR, M. Educação inclusiva: Desafios à profissionalidade docente e às aprendizagens dos alunos Surdos. *Educação inclusiva*, 1(2), 2010b, 10-17.

MELRO, J. & CÉSAR, M. Abraçando e efectivando a inclusividade: O exemplo da inclusão de alunos Surdos no ensino regular. In I. Sanches, M. Costa, A. Mota, & Á. Santos (Orgs.), *Para uma educação inclusiva: Dos conceitos às práticas*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2012, vol. I, p. 255-272.

MELRO, J. & CÉSAR, M. Educação inclusiva e equidade: Um estudo de caso com adultos surdos do ensino secundário recorrente nocturno. In L. Lima-Rodrigues & D. Rodrigues (Orgs.), *Atas do III Congresso Internacional Educação Inclusiva e Equidade* Almada: Pro-Inclusão: Associação Nacional de Docentes de Educação Especial (Pin-ANDEE), 2013, Parte II, p. 550-567.

MELRO, J. & CÉSAR, M. Inclusão de estudantes adultos surdos no ensino recorrente nocturno: Uma (segunda) oportunidade para quem?!. *Interacções*, 10(33), p.128-162, 2014a. Disponível em: [<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/6733/5028>] Acesso em: 2 nov. 2016.

- MELRO, J. & CÉSAR, M. Políticas e práticas da educação de alunos surdos. In N. Alves, S. M. Rummert, & M. Marques (Orgs.), *Educação e formação de jovens e adultos em Portugal e no Brasil: Políticas, práticas e actores*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2014b, p. 138-154. Disponível em: [[www.ie.ulisboa.pt](http://www.ie.ulisboa.pt)] Acesso em: 2 nov. 2016.
- MELRO, J. & CÉSAR, M. Inclusão e equidade na educação de surdos adultos. *Journal of Research in Special Educational Needs*, 16(v1), p. 614-618, 2016. Disponível em: [<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jrs3.2016.16.issue-S1/issuetoc>]. Acesso em: 2 nov. 2016.
- RODRIGUES, D. (2006). Dez ideias (mal)feitas sobre a educação inclusiva. In D. Rodrigues (Ed.), *Inclusão e educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva* (pp. 300-318). São Paulo: Summus Editorial.
- SASSAKI, R. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão - Parte 1. *Revista Nacional de Reabilitação*, 57(X), julho/agosto, 2007, p. 8-16. Disponível em: [<http://www.bengalalegal.com/nada-sobre-nos>] Acesso em: 2 nov. 2016.
- SCHÖN, D. *The reflective practitioner: How professionals think in action*. London, UK: Basic Books, 1983.
- SKLIAR, C. (Ed.) (1998). *A surdez: Um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre, PA: Mediação.
- STAKE, R. *Investigación con estudio de casos*. Madrid: Morata, 1995/2005. [Original publicado em Inglês, em 1995]
- SOFIATO, C. G. Ontem e hoje: o uso de imagens na educação de surdos. *Journal of Research in Special Educational Needs*, 16, p. 789-794, 2016.
- SOFIATO, C. G. Experiência educacional inclusiva e surdez: conquistas e desafios. In: R. Ribeiro. (Org.). *Educação Especial: olhar o presente para pensar o futuro* São Paulo, SP: QuintAventura Livros & UNESP, 2014, v. 1, p. 149-171.
- UNESCO *The Salamanca statement and framework for action on special needs education*. Salamanca: UNESCO & Ministry of Education and Science, 1994.
- WORLD FEDERATION FOR THE DEAF (WFD). *Visions and goals for access to adult education for deaf people*. Helsinki: WFD, 2013. Disponível em: [<http://wfdeaf.org/databank/policies/policy-visions-and-goals-for-access-to-adulteducation-for-deaf-people>] Acesso em: 2 nov. 2016.

